

DESAFIOS DE SER PROFESSOR HOJE

Attico Chassot¹

RESUMO: Este texto é um ensaio do autor que busca transformar uma esquemática apresentação formada por lâminas que foram projetadas em uma aula magna, proferida pelo autor, na inauguração de um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade do Rio Grande do Sul. A aula de cerca de duas horas constou de três movimentos que foram mantidos na estrutura deste texto: 1 – *Uma profonia*: com acordes pessoais, onde o autor faz reminiscências de seus 50 anos de professor; 2 – *Um adágio*: Uma mirada numa outra Escola que exige outro Professor, parte substantiva do texto, com alternativas para ser professor hoje; 3 – *Um alegre vivo* para uma Ciência que celebra o Ano Internacional da Química–2011, quando se discute, em decorrência da homenageada na efeméride, Marie Curie, uma Ciência, ainda masculina, Neste texto se acrescentou um prelúdio, para justificar as tessituras seminais que se fazem na construção do artigo.

Palavras-chave: Mudanças na escola. Ser professor hoje. Ciência Masculina.

UM (QUASE) PRELÚDIO: QUE NARRA ALGUMAS EMOÇÕES SEMINAIS DESTE TEXTO

É bastante usual, que depois de uma palestra ou uma aula inaugural, recebamos atenciosas solicitações do tipo: ‘Gostamos

¹ Licenciado em Química, Mestre e Doutor em Ciências Humanas: Educação. Professor do Mestrado Profissional de Reabilitação e Inclusão do Centro Universitário Metodista do IPA e do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen. E-mail: achassot@gmail.com

muito de tua fala! Poderias elaborar um texto para a nossa revista?’ Há dificuldades de diferentes dimensões para atender tão solícito pedido. Quem o faz parte do pressuposto que temos um texto pronto, que com pouco trabalho possa se transformar em um artigo. Esta situação mudou com o advento do Power Point do qual terminamos adictos. Vou falar mais adiante desta adição. Também, como não podemos ser originais ante aos continuados convites, repetimos muitas vezes uma mesma palestra, onde nossa apresentação só ganha um contextualização ao novo cenário. Se já atendemos similar pedido antes, corremos risco de autoplágio.

O leitor deste texto deve estar surpreso com o tom intimista desta abertura. Isto parece não próprio para um ‘artigo científico’, onde a assepsia é, às vezes, exigência. Defendo-me. A Academia não pode ser desvestida de afetos. Aliás, anunciei, como subtítulo, que este (quase) prelúdio teria acordes pessoais.

Isto se justifica, pois a palestra seminal, da qual sonho germina este artigo, teve emoções. Eu a fazia prenhe de contentamento, como espero narrar em seguida. Isto me autoriza, pelo menos neste prelúdio e depois na execução do primeiro movimento da fala, a deixar aflorar afetos.

No dia 4 de novembro de 2011, proferi a aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen. Celebravam-se duas inaugurações: *uma*, a instituição de um mestrado em Educação, gestado durante meses que tinha agora a sua primeira turma iniciando as aulas e envolvidos em pesquisas para produzir suas dissertações. *Outra*, um professor, às vésperas de completar 72 anos, quando quase concluía seu 51º ano de magistério, inicia formalmente suas atividades docentes em uma nova instituição.

Destaquei então, que já tinha sido distinguido com convites para proferir aulas inaugurais em muitas instituições. Mesmo na URI de Frederico Westphalen isto não ocorria a primeira vez. Lembrei, então que 2004 proferi, naquele mesmo auditório, a aula inaugural do Mestrado Interinstitucional UNISINOS/URI que formara mestres, dos quais vários são, hoje, professores da instituição. Mas, agora, não era mais um alienígena que vinha ensinar. Eu era um da casa, que

tinha naquele dia feito exame admissional e tinha até um endereço eletrônico institucional. Eu era, agora, um professor da URI.

Estes parágrafos trazidos até aqui parecem que podem desenhar este artigo. O título “Desafios de ser professor hoje” foi o tema da aula magna — esta caracterização de minha fala remete-me sempre a pompa de solenidade homônima na Universidade, que o mundo Ocidental recebeu do medievo; a aula magna começava, então, com a solene invocação dos sete dons do Espírito Santo, onde a sabedoria era o mais desejado. Assim, este texto quer atender ao pedido dos editores: ‘poderias escrever um texto desta aula para a *Revista de Ciências Humanas*’.

Vou fazer deste artigo um exercício de colocar em texto escrito uma fala marcada pela informalidade, que teve como ‘muleta’ uma apresentação em PowerPoint. Vou para a facilitação dos leitores, especialmente daqueles que não estiveram na aula, trazer os três movimentos que marcaram as quase duas horas de exposição: 1 – *Uma protofonia*: com acordes pessoais; 2 – *Um adágio*: Uma mirada numa outra Escola que exige outro Professor; 3 – *Um alegre vivo* para uma Ciência que celebra o AIQ–2011.

Não negando minhas origens de professor de Química propus um catalisador para a aula: “Se acreditamos que fogo esquenta e a água refresca, é somente porque nos causa imensa angústia pensar diferente” esta afirmação atribuída ao filósofo e historiador escocês David Hume (1711-1776) desejava ser um convite à aceitação de que algumas propostas não marcadas pelo senso comum seriam trazidas à reflexão. A escolha desejava marcar uma homenagem de reconhecimento aos 300 anos de nascimento de Hume que se recordava naquele 2011. Aprendi muito, especialmente quando li *Historia natural da religião* da autoria do iluminista escocês. Ele é autor de várias obras filosóficas e entre essas há destaques àquelas sobre religião, nas quais se opõe, usualmente, à ideologia dominante em seu tempo. Não é sem razão, que *Historia natural da religião*, escrita durante quatro anos, só tenha sido publicado 21 anos depois de sua morte. Amigos que leram os manuscritos o aconselharam a esperar que serenassem os ânimos mais exaltados contra outras de suas publicações, que haviam provocado a ira de religiosos ao solapar a crença nos milagre e numa providência divina, como conto

em Chassot (2008).

Depois deste prelúdio, neste artigo, discorro acerca de cada um dos três movimentos da fala do memorável dia 04 de novembro. Minha proposta é transformar uma esquemática (ou melhor: esquelética) apresentação em PowerPoint em algo corpóreo onde se espera que o esqueleto — mesmo que desapareça pelas inserções pretendidas — dê a sustentação ao texto. Aqui está mais um exercício como os que relato em ‘como escrevo’ presentes em Chassot (2009)

1 UMA PROTOFONIA: COM ACORDES PESSOAIS

2011 fora um ano de muitas celebrações. Foi considerado pela ONU como o Ano Internacional da Química — AIQ-2011 — e isto dará o tom ao terceiro movimento. Mas ao lado destas celebrações em nível macro, uma celebração muito pessoal embalou 2011: em 13 de março eu completara 50 anos de professor sempre em sala de aula, mesmo quando exerci cargos administrativos.

O AIQ-2011 faz a tessitura do terceiro movimento deste texto. Esta segunda celebração é, como na aula magna, o mote do primeiro movimento. Era natural que esta protofonia tivesse acordes muito pessoais.

Neste primeiro movimento, comecei contando aquela que é a história seminal de uma trajetória que já se espraia por mais de meio século. No relato a seguir, quase acidentalmente, tudo começou.

Em dezembro de 1960 terminei curso científico; fiz em janeiro de 1961, vestibular na UFRGS para Engenharia. Fui reprovado em desenho. Não consegui desenhar uma parábola, como o exigido, com tinta nanquim. Fiquei muito frustrado. Não sabia o que fazer. Vi que não havia sentido ficar em Porto Alegre, pois meu emprego servia para pagar o aluguel de um quarto que compartia com um colega que fora aprovado na Medicina.

Em Montenegro, procurei sem sucesso algum emprego em escritório de alguma empresa. Em qualquer lugar era descartado por falta de experiência. Quem empregaria alguém que tinha feito o curso científico quando a cidade formava técnicos em contabilidade?

Minha mãe, sempre muito pragmática, teve então uma ideia audaciosa. Por que tu não vais ao Colégio Jacob Renner? Lá podem

estar precisando de professor. Havia na proposta dela duas fabulosas ousadias: a mais significativa, ela muito católica recomendar-me uma escola mantida pela Igreja Episcopal; é preciso recordar que o Concílio Vaticano II só começaria no ano seguinte, e o vigário católico da cidade negava a eucaristia aos pais que colocassem os filhos no Jacob Renner, que era uma escola gratuita. A outra, o crédito que ela tinha no seu filho, admitindo que esse tivesse requisitos de ser professor. Mãe é mãe!

Na manhã de 13 de março fui ao Jacob Renner, sendo entrevistado pelo diretor Reverendo Ernst Bernhoeft, alma-mater do Colégio. Não me lembro o que foi perguntado, mas sai da escola com emprego. Lecionaria matemática nas duas primeiras e duas segundas séries do curso ginásial. Era uma segunda-feira. As aulas começariam na quarta-feira. Programei-me para ir a Porto Alegre no dia seguinte buscar meus livros e preparar-me para a grande estreia. Todavia naquele mesmo dia ainda aconteceria algo inusitado.

No começo da tarde, batem na casa de meus pais, para onde eu retornara depois de meus fracassos no vestibular, – e perguntam pelo ‘Professor Attico!’. Eu, não sem alta dose de atrapalhão, pois nunca fora assim antes chamado, respondo que era eu. ‘O Reverendo mandou este livro para o senhor preparar uma aula para hoje à noite, pois o professor do 3º científico vai faltar!’. Engoli em seco e recebi o livro de Matemática do 3º ano colegial, do Ary Quintella. Ainda tenho o livro de capa verde, com um desenho de uma função derivada na capa. Quem se preparava nervosamente para a estreia daí a dois dias, pariria a fórceps o debute no magistério ainda aquela noite.

Lembro-me que parti da João Pessoa, 1884 e desci a Oswaldo Aranha, até perto da Estação da Viação Férrea, onde ficava o Jacob Renner, numa quase noite. Pelo caminho repeti várias vezes a aula sobre ‘números complexos’ que preparava para alunos da mesma série que eu frequentara no ano anterior. Só fazia aos céus um pedido: que ninguém me perguntasse nada. Não recorro muito da aula, a não ser que sentia o suor pingar na minha espinha. Lembro do grupo. A história da falta do professor era um pretexto. Tornei-me, depois deste teste, professor da turma. E ainda em março tinha num total de 10 turmas de Matemática e Ciências. E em agosto mais três turmas de Química.

Este é fiapo das muitas histórias que conto em *Memórias de um professor: hologramas desde um trem misto*. Acerca deste livro, há algo a avivar aqui. Um deles: um nome para este livro.

Tenho que aditar (gosto sempre lembrar o tríplice significado desta ação verbal: Acrescentar para completar; adscrever / Causar a dita de, tornar feliz. / Entrar) acerca do nome do livro. Batizar livros não é trivial. Ele não deve agradar apenas ao autor. Ele precisa seduzir leitores.

Marcado por minhas origens ferroviárias, cheguei a pensar chama-lo “Trem misto” evocando um dos trens de carga que deixou Jacuí e chegou a Montenegro na Semana da Pátria de 1947. Este trem – que a toda hora aflora em minhas evocações – trazia no útero de um dos vagões ‘uma carga muito especial’. Este não era rigorosamente que ‘um trem misto’, formado por vagões de carga e vagões de passageiros. Aquele singular e único trem tinha um vagão de carga mudou toda uma história. Rompeu paradigma. Ele estava prenhe em seu amplo ventre de um casal com quatro filhos e todos os bens móveis do casal, inclusive com o fogão a lenha em uso durante a viagem, com a chaminé emanando fumaça por uma fresta de um dos portões mantidos semiabertos.

Esse trem está em muitos capítulos do livro. Ele é um trem-fantasma que já roda há mais de 60 anos enfumaçando as histórias do primogênito que ensaiava, então, as primeiras letras.

Surge mais uma sugestão de forte densidade teórica: “Memórias de um professor: hologramas desde um trem misto”. Encantam-me, nesta nova sugestão, duas conjunções históricas: o trem misto, já referido, onde havia o vagão-caracol – era uma família levando sua casa – que qual nau de Colombo me levava a um novo mundo. Foi ali que talvez, escrevi minhas primeiras palavras em ‘letras de imprensa’, ao rotular caixas da mudança com a palavra “frágil”, onde a “letra do gato” era muito difícil de fazer. Holograma, que tentava explicar já no final dos anos 1960, nas aulas de Química Geral dos cursos de Física e Química.

Agora, só um convite, aguarde o livro: tome comigo o trem. Ora espie pela fresta que deixa sair a chaminé do fogão. Ora escancare a porta e comigo olhe para trás, mas... para não censurar em vão, olhe muito para frente. Há cinquenta e um hologramas que quero

compartilhar. Obrigado por estarmos juntos, envolvidos em um binômio quase mágico e que funciona como abracadabra, como uma das mais usadas e ousadas criação dos humanos: escrita e leitura.

Recordo que no dia 1º do ano 51 (e atendo a recomendação para deixar de usar números romanos, pois há de ter quem não identificaria se escrevesse Ano LI) dei aula inaugural da Universidade do Adulto Maior do Centro Universitário Metodista do IPA. O título da fala: “Memórias de um mestre escola”. Era a celebração de meus 50 anos de professor, quando constato que há algo que fiz missão neste meio século: alfabetização científica. O que mais realizei nas aulas que ministrei, nos livros e artigos que escrevi, nas blogadas que editei e nas palestras que proferi foi ensinar a linguagem da Ciência, essa linguagem que considero necessária na contemporaneidade para ler o mundo natural.

Aquela fala também poderia ter todo como mote: “Histórias de escrituras: da lousa ao I-Pad” pois, evoquei a gênese de minha escrita paleolítica – o guri que se diz da idade pedra, quando se alfabetizou em uma lousa de ardósia até que escreve no I-Pad, passando pela pena de aço, a caneta tinteiro, a chegada da caneta esferográfica, a máquina de escrever, o computador...

Ocorrera que — por uma apreciável coincidência — o meu cinquentenário de magistério era a data limite para entrega de originais para uma seleção de livros de uma editora universitária. Entreguei, preche de esperanças, os manuscritos minha história, onde cada ano, de 1961 a 2011, gerara 51 capítulos, que iniciam contextualizando o ano no cenário internacional e/ou local, seguido de evocações memorialísticas.

O nome do livro foi discutido no meu blogue e no Facebook. Não há como aqui e agora fazer toda uma retrospectiva.

A obra terminou selecionada em primeiro lugar, mas... seis meses depois soube que a instituição, decidira não publicar nenhuma das obras selecionadas.

Então, quando setembro já ia adiantado, participei de uma indicação de títulos na Editora da Unijuí, que já publicara três livros meus, entre os quais *Alfabetização científica: Questões e desafios para a Educação* — que soube recentemente que sua 5ª revisada é um dos títulos indicados na bibliografia aos candidatos à seleção ao

magistério do Estado do Rio Grande do Sul.

É com alegria que anuncio que o texto que traz as memórias de meus 50 anos como professor está quase pronto. Já fiz a revisão das últimas provas. Já publiquei no blogue as capas. Talvez seja dado a lume, ainda neste março.

Encerro este prelúdio, como encerrei esta parte na aula inaugural: E, se eu tivesse passado no vestibular de engenharia? Dou voz a três leitoras, dentre a varias manifestações por ocasião da celebração de 13 de março de 1961: A Marília Müller, minha ex-aluna da Filosofia, diz “eu e mais tantos alunos do senhor, agradecemos a parábola reprovada!” Ela tem adesão da Ieda Giongo, que foi minha aluna no Doutorado: “Que bom que não conseguiste desenhar a parábola!” A parábola é recorrente no atencioso texto de Matilde Kalil do Equador: “Muy querido Profesor Chassot, Si hubiese aprobado... ¡nos habríamos perdido de un maravilloso Mestre! que de manera multifacética nos descubre las puertas del pasado, nos interpele con los sucesos del presente y nos abre holográficamente el pensamiento hacia el futuro. ¡Felicitaciones por esta celebración de Oro!

2 UM ADÁGIO: UMA MIRADA EM OUTRA ESCOLA QUE EXIGE OUTRO PROFESSOR

Este segundo movimento era o cerne da aula inaugural. O primeiro e terceiro eram de júbilo como de moldura a este segundo que precisava trazer constatações e, a partir destas formular propostas.

Primeiro olhei duas viradas em nosso século 20. A virada do 19/20 e a do 20/21. Fiz isto com os olhares de dois ícones da Química. Esta mirada em dois tempos tem uma consequência: se faz com um adeus às nossas certezas.

Assim, na aurora do Século 20, o químico francês Marcellin Pierre Eugene Berthelot (1827-1907), um dos primeiros grandes especialistas em síntese orgânica, com investigações que alçaram a termoquímica a uma especialização muito importante, exageradamente, profetizava, como Senador da República e presidente da Academia de Ciências:

A Ciência possui doravante a única força moral que pode fundamentar a dignidade da personalidade humana e constituir as

sociedades futuras. A Ciência domina tudo: só ela presta serviços definitivos. [...] O triunfo universal da Ciência chegará garantir para o homem o máximo de felicidade e de moralidade. Na verdade, tudo tem origem no conhecimento da verdade e dos métodos científicos pelos quais ele é adquirido e propagado: a política, a arte, a vida moral dos homens, assim como sua indústria e sua vida prática. (CHRÉTIEN, 1994, p. 26).

Assim, a melhor síntese para a virada do Século 19/20, ante as muitas maravilhas da Ciência — descoberta da natureza elétrica da matéria, da radioatividade, dos raios-X, surgimento da psicanálise etc. era ‘a certeza’.

E depois de vivermos o Século das maiores conquistas da humanidade, por exemplo: humanos caminharem na lua, se fazer transporte de órgãos, usarmos a nano tecnologia, termos o Planeta em rede, pela web eis como Ilya Prigogine (1917-2003), Prêmio Nobel de Química 1977 por suas contribuições ao não-equilíbrio termodinâmico, particularmente a teoria das estruturas dissipativas, vive o ocaso do século 20: “Só tenho uma certeza: as minhas muitas incertezas”.

Se a virada 19/20 foi marcada pela ‘certeza’, a virada 20/21 tem como síntese a ‘incerteza’. Há aqui uma necessidade significativa: estas duas viradas não podem ser olhadas apenas na dimensão histórica, o que já é importante, mas o mais significativo é olhar isto do ponto de vista epistemológico. Viver esta transição das certezas às incertezas é algo fundamental para entender como se deu / dá / dará a construção do conhecimento. E mais ver o quanto na Escola, em muitas situações ainda há o assentamento nas certezas.

Consubstanciado por posturas marcadas pela incerteza era preciso olhar a Escola e vê-la ser mudada: migrando — como a Ciência — da certeza à incerteza. Posto isto era preciso encontrar novas alternativas para fazer Educação. A proposta foi fazer um caminho ao avesso e migrar da disciplinaridade à indisciplinaridade.

Para evidenciar isto faço aqui — e até o fim deste adágio — um justificado autoplágio. Primeiro a justificativa e depois o plágio.

Em 2010 preparei uma 5ª edição do *Alfabetização científica: questões e desafios para a Educação* (2011c), que como nas quatro anteriores, teve seus direitos autorais destinados ao Departamento de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Talvez isso explique porque dentre os meus livros é esse que mais me emociona. Tive que fazer cortes e acréscimos cujas justificativas não apresento aqui.

Mas agora tentando dar corpo a aula inaugural, encontro na nova apresentação do livro, que neste 2012 é um dos títulos indicados na bibliografia aos candidatos à seleção ao magistério do Estado do Rio Grande do Sul, uma sequência de tópicos que se constitui o segundo movimento da aula magna. Por tal, trago aqui, com ligeiras adaptações. Sirvo-me, também de parte de artigo “Mudanças na Escola” (CHASSOT, 2010), da *Revista Pátio*, cujo número temático era “Educação 2010: Do que o Brasil precisa?”. Comento algumas mudanças ocorridas em tempos não superiores há dez anos em nosso mundo cotidiano que se refletem no mundo escolar, com muita intensidade. Essas também ajudam a determinar a virada na Escola: de emissora à receptora do conhecimento.

Na aula inaugural apresentei uma historieta acerca deste artefato cultural que ganhamos com a Modernidade e nos envolve a todos desde quase os primórdios de nossas ações no Planeta. Estou concedendo que a Escola (e a referência é aquela etapa da escolarização anterior à Universidade), como conhecemos hoje, é um legado da Reforma Protestante em 1517, reificado na Contrarreforma, desencadeada pela Igreja Romana. Eis a historinha, de autoria desconhecida, usada ao analisar a Escola, tão muito onipresente na vida da maioria da população.

Houve uma vez um homem que, depois de viver quase cem anos em estado de hibernação, voltou um dia a si e ficou perturbado pelo assombro de tantas coisas insólitas que via e não podia compreender: os carros, os aviões, os arranha-céus, o telefone, a televisão, os supermercados, os computadores... Caminhava atordoado e assustado pelas ruas, sem encontrar referência alguma para sua vida, sentindo-se um ramo desgalhado na árvore da vida. Quando viu um cartaz que dizia: ESCOLA. Entrou ali, por fim, pode reencontrar-se com seu tempo. Praticamente tudo continuava igual: os mesmos conteúdos, a mesma pedagogia, a mesma organização da sala com o estrado e escrivaninha do professor, a lousa e as carteiras enfileiradas para impedir a comunicação entre os alunos e fomentar a aprendizagem centrada na memorização e no individualismo.

Quando a apresento em palestras, ao ser consultada a opinião acerca da narrativa – se concordam ou discordam –: as opiniões são díspares. E não são poucos que ficam indecisos ou optam por alternativas intermediárias. Há os que concordam tacitamente, pois parece ser senso comum considerar a Escola como conservadora. Lateralmente, devo contar que ao narrar a mesma historieta em março de 2010 em palestra que fiz em Aalborg, na Dinamarca. Ao perguntar se concordavam, esboçaram um sorriso e me convidaram a olhar a sala onde estávamos. (Era a sala de aula mais bem equipada que eu já estivera). Ali, de maneira evidente, não podiam concordar.

Ao olhar o que torna a Escola de 2010 diferente da de 2000, listo nove situações, que estão mais ou menos presentes nessa Escola que (se não mudou) foi mudada.

a) tecnodedependência: as continuadas ofertas de novas tecnologias tornam nossas salas de aulas mais exigentes nos fazendo, muitas vezes, reféns de um data-show ou de PowerPoint ou de um telefone celular. São exemplos dessa situação: um celular sem bateria não pode ser substituído pelo empréstimo de outro, pois desconhecemos os números; o arquivo em PowerPoint, que se não abrir pode quase inviabilizar uma palestra ou uma aula.

b) uma hiperconectividade que nos faz cada vez mais cidadãos públicos e invadidos em nossas privacidades (orkut, facebook, second life, twiter...). As relações amorosas foram significativamente modificadas com as facilidades alternativas do skipe ou assemelhados.

c) o fim do efêmero onde nossa passagem deixa rastros que mesmo quando pensamos apagados podem ser ‘ressuscitados’ (por exemplo, pelo Google desktop), por outro lado há perda dos valiosos rascunhos ou páginas comentadas.

d) o (não-)engajamento crítico que passa ser primeiro por uma exigência que pode conduzir à participação construtiva ou – ante sua renúncia – pode conduzir a uma alienação que leva a uma vida cultural vegetativa; em caso oposto, corremos o risco de tornarmos adito à rede; vale experimentar viver por 24 horas sem computador ou acesso à internet.

e) a brecha cada vez maior que se estabelece entre os que têm acesso ao conhecimento e os marginalizados. Hoje a diferença entre pobres e ricos – pessoas e países – não é só que os pobres tenham

menos bens, mas é que estes têm menos acesso ao conhecimento. Temos de diminuir o número daqueles que ainda pertencem ao Movimento dos Sem @rroba (isto é, não tem um endereço eletrónico).

f) os cada vez mais tênues limites entre o humano/não humano que nos fazem não darmos conta de quanto os robôs são coparticipes de nosso cotidiano. Basta dizer que são estes (aqueles de buscadores como o Google) que iniciam nossas pesquisas.

g) a aceleração cada vez maior da chegada à adolescência (recentemente os jornais ‘saudavam’ o lançamento de preservativos para meninos de 12 anos ou como dizia a notícia ‘camisinhas para os pintinhos’).

h) a presença cada vez maior da *apocrifia* [característica ou condição do que é apócrifo (= que não é do autor a que se atribui)] que se traduz num copismo (quase) incontrolável e na invasão de instituições com méritos como a Wikipédia.

i) a presença cada vez maior da *droga* invadindo e modificando a Escola [o *crack*, hoje dilacerando almas e cérebros, não era conhecido há 10 anos].

Apresento essa litania para trazer duas considerações: 1) o quanto, nesse tempo de rapidação [neologismo para indicar rapidez + ação] tecnológica essas modificações devem ser pensadas como em permanente expansões. 2) mesmo que nessas modificações tenha olhado mais atentamente a Escola é importante considerar o quanto as mesmas atingem nossa cidadania ou nossa florestania[□].

É quase senso comum que hoje dedicamos menos tempo em leituras de livros – e aqui estou me referindo àquele genial artefato tecnológico em suporte papel – que está muito bem celebrado como a genial ‘novidade’ que supera eBook, iPad, iPod, iPhone, minicomputador e outras parafernálias tecnológicas recentes em um vídeo que recomendo em <<http://www.youtube.com/watch?v=iwPj0qgvfIs>>.

No contexto das muito significativas mudanças que parecem ocorrer cada vez mais aceleradas em diferentes setores, a Escola não é algo exótico ao mundo onde está inserida e dele faz – necessariamente – parte. Talvez se possa apenas dizer: se a Escola ainda não mudou, que ela foi mudada!

Ainda mais, ela também parece ser vítima da neopatía –

essa doença pós-moderna que grassa qual epidemia; doença cuja característica é ter sempre tudo novo: o último computador, a última versão do Windows, o último carro - hoje, último carro parece não ser mais de bom tom, por problemas de segurança, que requerem a não ostentação. Aliás, esta doença tem diversas síndromes, que afetam as pessoas em momentos diferentes. Há alguns dias, era se ter o último modelo de telefone. Hoje, o surto como a neopatia se manifesta é de se ter o último modelo de câmera fotográfica. Amanhã será a necessidade de termos uma tela de plasma que, mesmo fazendo na similitude de nosso televisor atual, é mais delgada e ainda, confere maior status a seus possuidores. Depois disso surgirá outra necessidade, talvez... isso nenhum de nós ainda sabe. Mas, em breve o mercado definirá. Um sintoma muito próprio dessa doença é fazer o novo subitamente velho. Assim, um telefone celular de dois anos é 'mais velho', leia-se obsoleto, que um telefone fixo de 20 anos.

A neopatia, epidemia desta aurora milenar afeta também a Escola. Comparo duas Escolas. E sou radical na comparação. Comparo a Escola de 2010, não com a Escola do tempo de nossos avós ou de nossos pais. Talvez nem com a Escola que a maioria dos leitores deste texto estudou. Quero fazê-lo com uma Escola da virada do século 20 para o 21. Uma Escola do ano 2000, por exemplo.

Há 10 anos, a Escola era ainda o centro irradiador do conhecimento. A professora ou o professor se legitimavam, também, pelo conhecimento que detinham. A Escola era, na comunidade onde estava inserida, o lócus irradiador do conhecimento. Era a ratificadora ou até a certificadora do conhecimento.

Mesmo que se possa dizer que a disciplinarização é consequência da especialização do conhecimento, vale colocar, para marcar nossa caminhada, no cenário do mundo Ocidental, alguns balizadores (CHASSOT, 2011a):

Século 16: *Revolução copernicana*: Geocentrismo→ Heliocentrismo ao abandonarmos a concepções que éramos o centro do Universo, passamos também a pensarmos nesta transição como definidora do nascimento da Física moderna;

Século 18: *Revolução lavoisierana*: Flogisto→Combustão (Respiração): no Século das Luzes, quando ao invés de crermos no flogisto entendemos a combustão e a ela associamos a respiração, e

reconhecemos a ascensão da Química ao status de uma Ciência;

Século 19: *Revolução darwiniana*: Criacionismo→evolucionismo: e, então, a Biologia assumindo aportes disciplinares, onde o criacionismo é levado a pó pelo evolucionismo, mesmo que narrativas míticas do insuflar vida a um boneco de barro ainda sejam aceitas como a Verdade ainda no século 21;

Século 20: *Revolução freudiana*: Consciente↔inconsciente, com possibilidade de ao nos pensarmos humanos sermos também sujeitos que também ‘vivem’ uma dimensão inconsciente;

Século 21: *Revolução (ainda não batizada)* Disciplina↔indisciplina, onde propostas de não disciplinar o conhecimento convivem (por isso a dupla seta nesta e na revolução anterior) com posturas disciplinares, até porque não se contesta que o conhecimento cresce nas fronteiras da especialização.

Há um constructo epistemológico que parece conformar nosso ser disciplinar. Fomos moldados para sermos sujeitos disciplinares. Há racionalizações que concorrem com as revoluções científicas, determinando a construção de paradigma epistemológico que ousaria dizer é paralelo aqueles estabelecidos nas revoluções científicas, antes citadas, muito especialmente quando usamos óculos como os apreendidos de Thomas Kuhn (1991).

Quando Descartes – no seu *Discurso do Método* de 1637 (1996) coloca a *análise* como oposição à *síntese* passa-se a exigir que uma etapa inicial para a construção do conhecimento seja a fragmentação do mesmo, ou seja, reduzir o todo em frações representadas por seus componentes elementares. Isso passa a determinar fracionamentos cada vez maiores e mais específicos nas áreas do conhecimento. É bem verdade que há quase quatro séculos, quando Descartes propôs essa racionalização fragmentadora não havia como prever tão extensa especialização daquilo que se chama(va) a Ciência. Assim, surge, mais uma vez, a pergunta: *A Escola mudou?* ou *A Escola foi mudada?* Recordo o período de final do meu curso primário², quando se fazia análise lógica se classificavam as ações verbais que descreviam o sujeito como estando na *voz ativa* ou na *voz passiva*.

² Até a reforma do ensino que ocorreu com a Lei 5692/71 que alterou o ensino anterior a Universidade, os atuais nove anos de ensino fundamental, eram divididos em dois ciclos: cinco anos de ensino primário e quatro de ensino ginasial.

Isso era matéria certa para o exame de admissão³. Talvez possa parecer irrelevante perguntar se a Escola seja o *sujeito* que *executa* a ação (voz ativa) ou *sofre* a ação (voz passiva).

Para essa nova Escola que Educação é preciso? Não defendemos que professoras e professores sejam empacotados à tecnologia; isto é, formatados pela mesma. Todavia não desconhecemos que não devemos apenas espiar esse mundo novo que aí está. É preciso adentrar nele. Aqui talvez a proposta mais radical: devemos ensinar menos. Se educar é fazer transformações, não é com transmissão de informação que vamos fazer isso.

Essa nova Escola precisa ser cada vez menos disciplinar. Ao transgredir fronteiras estaremos assumindo posturas mais além de transdisciplinares. E, numa etapa mais audaciosa – mas, mais realista – estaremos assumindo uma Escola indisciplinar (DEL PÉRCIO, 2006). Usando uma dicotomização proposta por Foucault fala do disciplinar dos corpos; eu refiro ao indisciplinar saberes. Nesta Escola o prefixo *in* tem pelo menos três ações:

- *in*: no sentido de incluir a partir da própria disciplina outras disciplinas; são as ações que vamos fazer para colocar nossas especificidades em outras disciplinas;

- *in*: seguindo o mesmo sentido de direção, trata-se de incorporar elementos, métodos e conhecimento de outras disciplinas; aqui parece mais evidente o quanto temos buscar nas outras disciplinas, não nos bastando o ‘mundo’ pequeno ou específico de nossa disciplina;

- *in*: como negação, trata de negar a disciplina no sentido etimológico do termo; aqui a proposta parece ser mais radical ou inovadora: trata-se de rebelar-nos à coerção feita pelas disciplinas que, como um látego, nos vergastam a submissão.

Assim, parece que vale experimentar ser indisciplinado. Sonhar é preciso.

3 UM ALEGRO VIVO PARA UMA CIÊNCIA QUE CELEBRA O AIQ–2011

Este movimento de encerramento já teve seu tom explicitado

³ O acesso ao ginásio – de duração de 4 anos – se dava através do “exame de admissão” que era realizado independente (que poderia ser em outra escola) da situação de se estar aprovado ou não no 5º ano primário.

quanto dos acordes iniciais da profonia. AIQ-2011: Ano Internacional da Química. Como uma das razões para esta escolha foi o centenário da outorga do Prêmio Nobel de Química a Marie Curie - a outra foi o centenário da constatação do átomo nuclear por Ernest Rutherford - neste *alegro* falei das mulheres na Ciência.

Eu fizera palestras em diversos Estados acerca do AIQ-2011 e isso ensinava sempre a mostrar informações e teses de meu livro: *A Ciência é masculina? É, sim, senhora!* Houve ainda uma conjugação muito especial: quando da aula recém tinha sido anunciado o Nobel da Paz a três mulheres. a presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf (1938); a militante Leymah Gbowee (1972), também liberiana; e a jornalista e ativista iemenita Tawakkul Karman (1979).

Aqui e agora por razões de limitação deste texto, deve ser sintético, mesmo sendo aquela parte que mais me agradaria discutir. Falei na importância do AIQ-2011 e destaquei a importância das mulheres na Ciência. Destaquei duas: Hipácia e Marie Curie. Mostrei alguns indicadores que ratificam (Prêmios Nobel, por exemplo) que a Ciência é masculina. Acenei, para algo que analiso em Chassot (2011b): os três DNAs que nos constituíram como humanos no mundo ocidental: a grega (os mitos e a filosofia), a judaica (cosmogonia e a torá) e a cristã (Apóstolo Paulo e outros doutores da Igreja Cristã). Discute-se as (des)contribuições destas três raízes que nos fizeram assim. A Ciência não é uma exceção e também a filosofia, a arte, a religião e o esporte evidenciam marcas machistas.

Esta é de maneira muito panorâmica a resposta ao pedido: “poderias escrever um texto desta aula ‘Desafios de ser professor hoje’ para a *Revista de Ciências Humanas*”.

RESUMEN: Este artículo presenta una conferencia, proferida por el autor, en la apertura del Programa de Postgrado en Educación en la Universidad Federal del Rio Grande do Sul (UFRGS). Enseña tres movimientos que han sido mantenidos en la estructura del texto. 1.- Una “profonia”, con acordes personales, donde el autor hace su desarrollo profesional (50 años de profesor); 2.- “Un adagio”: una mirada en otra Escuela, que necesita otro Profesor, parte substantiva del texto, con alternativas para ser profesor hoy. 3.- “Un alegre vivo” para una Ciencia que celebra el Año Internacional de la Química,

cuando se discute, en consecuencia de la homenaje de la efeméride, Marie Curie, una Ciencia que es masculina. En este texto se ha acrecentado un preludio, para justificar las tesis seminales que se han hecho en la construcción del artículo.

Palabras Clave: Cambios en la escuela. Ser profesor hoy. Ciencia Masculina.

REFERÊNCIAS

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. 23. ed. São Paulo: Moderna, 2011. 280p. [1. ed. 1994, 14. ed. 2004 reformulada].

CHASSOT, Attico. **A Ciência é masculina? É, sim senhora!** São Leopoldo: Editora UNISINOS. 2003. 134p. (5. ed. revisada e ampliada, 2011b).

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: UNIJUI, 2000, v. 1, 438p. (5. ed. revisada; reimpressão 2011c. 368p).

CHASSOT, Attico. Mudanças na Escola. **Pátio, Revista Pedagógica**, Porto Alegre, v. 14, p. 10-13, fev./abr. 2010.

CHASSOT, Attico. Blogues como artefatos culturais pós-modernos para fazer alfabetização científica. **Competência: Revista da Educação Superior do Senac-RS**, p. 11-28, v. 2, n. 2, jul. 2009.

CHASSOT, Attico. **Sete escritos sobre Educação e Ciências**. São Paulo: Cortez, 2008. 285p.

CHRÉTIEN, Claude. **A Ciência em ação**. Campinas: Papirus, 1994, p. 26.

DEL PERCIO, Enrique M. **La condición social: consumo, poder y representación en el capitalismo tardío**. Buenos Aires: Altamira, 2006.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.